

O Japão dobra seu fundo para US\$ 50 bilhões

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

O Japão vai dobrar, de US\$ 25 bilhões para US\$ 50 bilhões, o fundo de recursos que pretende emprestar para países devedores de renda média, como o Brasil. Serão financiamentos paralelos a um programa formal de ajuste dos países com o FMI.

O anúncio da nova iniciativa japonesa foi feito durante a reunião, fechada, do Comitê Interino, domingo, no curso da reunião anual do FMI e do Banco Mundial (BIRD). O comunicado formal do Comitê menciona a iniciativa, mas não o montante. O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, que participou das discussões, explicou que os japoneses pensam em reciclar US\$ 50 bilhões dessa forma e que o anúncio formal deverá ser feito durante a Assembleia Anual, a partir de hoje.

Não se trata apenas de ampliar o fundo já existente (conhecido no Brasil como Fundo Nakasone). Enquanto este fundo financia-

va projetos ou fazia cofinanciamentos de projetos com bancos privados, o novo fundo se destinará a financiar diretamente balanços de pagamentos, ainda que o agente do desembolso continue sendo o Eximbank japonês.

Os juros desses empréstimos serão inferiores aos do mercado. A concessão de recursos será examinada caso a caso apenas para países que tenham um programa de ajuste com o FMI. O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, disse que espera que "nas próximas semanas" sejam divulgados detalhes sobre as modalidades dessa nova linha. Uma alta fonte do Fundo disse a este jornal que o Japão deverá implementar esse programa "muito rapidamente".

Para o Brasil, que é elegível para esse novo fundo, esta é uma boa notícia, como disse o ministro Mailson da Nóbrega. No entanto, há um aspecto decepcionante. Esperava-se que nesta reunião de Berlim algo mais concreto fosse discutido em torno da idéia de esquemas para reduzir a dívida. O Japão havia mencionado algumas idéias na direção da criação de um organismo internacional que absorvesse as dívidas, com desconto (e com recursos dos países ricos), em junho, no encontro de cúpula de Toronto. Esta nova idéia, que nada tem a ver com a de Toronto, é bem menos inovadora. Tampouco os franceses, que têm um plano parecido, anunciarão qualquer novidade aqui — provavelmente o presidente François Mitterrand o fará no discurso que proferirá na ONU, quinta-feira.

O lado bom para o Brasil, como disse Mailson, é que o País só contará com US\$ 600 milhões dos bancos privados para financiar suas contas de 1989. Se for possível obter dinheiro japonês, portanto, ele será mais do que importante.

No entanto, o próprio Mailson expressou sua decepção com a forma como a questão da redução da dívida foi examinada pelo Comitê Interino — o fórum que fixa a estratégia para o FMI e é dominado pelos países ricos. "Eles (os países desenvolvidos) não estão querendo encarar certas realidades", desabafou o ministro num dis-

curso feito, na hora do almoço, na conferência sobre conversão da dívida em investimento promovida pela Câmara Americana-Brasileira de Comércio e pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

O Comitê foi inequívoco a respeito da redução (segundo, aliás, o tom já demonstrado na reunião do sábado do Grupo dos Sete países

(Continua na página 17)

O FMI deverá ser tolerante com o Brasil pelo não cumprimento de metas nominais fixadas para o trimestre que termina em setembro. Mas será preciso examinar em que contexto o Brasil não cumpriu essas metas. Se outras metas em termos reais tiverem sido respeitadas, não será problema conceder um "waiver", garante um alto funcionário do Fundo.

(Ver página 17)